

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
26 de Novembro de 2021
A CINEMATECA COM A CINEFIESTA

EL JEFE POLÍTICO / LA RÉPONSE DU DESTIN / 1926

Um filme de André Hugon

Argumento: baseado num romance de José Maria Carretero / *Imagem (35 mm, preto & branco):* Jean Bachelet, Alphonse Gibory / *Cenários:* Juguleux / *Figurinos:* não identificado / *Montagem:* não identificado / *Interpretação:* René Navarre, Camille Bert, Colette Darfeuil, Alexiane, James Devesa, José Durany, Alexis Ghasne.

Produção: Les Films André Hugon (Paris) / *Cópia:* da Filmoteca Española, dcp (transcrito do original em 35 mm), com tintagens, intertítulos em espanhol e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 83 minutos / *Estreia mundial:* França, 20 de Julho de 1926 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Título francês alternativo: L'HOMME DES BALEÁRES

sessão apresentada por CARLOS REVIRIEGO
música ao vivo (piano e theremin) por MIQUEL BRUNET

Estamos diante de um filme francês restaurado pela Filmoteca Española. As cinematecas dignas deste nome não restauram apenas obras da produção nacional (algumas nem sequer têm nas suas coleções filmes produzidos em outros países) e além disso o filme se baseia num romance espanhol e a sua ação situa-se em Espanha, onde foram filmados todos os exteriores, nas Baleares e em Madrid. Por conseguinte, o filme tem interesse “arqueológico” para os espectadores espanhóis e especialmente para os das ilhas Baleares (o arquivo de imagem e som daquela *comunidad autónoma y uniprovincial* espanhola participou do restauro e talvez tenha tomado a iniciativa do mesmo), independentemente dos seus méritos ou defeitos. **El Jefe Político** adapta um dos muitos livros do jornalista e romancista José Maria Carretero (1887-1951), que num futuro não muito distante seria duradouro e convicto partidário do regime franquista. Note-se que os intertítulos da cópia referentes ao restauro mencionam como ponto de partida do filme o romance **El Caballero**, de 1923, ao passo que o site da Real Academia Española menciona na lista de obras de Carretero um romance publicado em 1924 intitulado **El Jefe Político: Vida y Milagros de un Pícaro Representativo de la Vida Española**. Os intertítulos introdutórios desta cópia restaurada indicam o nome do autor dos intertítulos espanhóis originais, mas também especificam que para tornar a narrativa mais inteligível (alguns fragmentos perderam-se certamente) foram utilizados alguns trechos do romance de Carretero, devidamente identificados. Estes têm o tom empolado tão característico dos escritores da Península Ibérica, em nítido contraste com a clareza objetiva dos intertítulos propriamente ditos. Seja como for, a produção do filme é inteiramente francesa, assim como o seu título original e a sua equipa, na qual despontam dois importantes nomes da cinematografia francesa: René Navarre, imortalizado pela sua presença nos **Fantômas** de Louis Feuillade e sobretudo Jean Bachelet, responsável ou co-responsável pela imagem de alguns dos mais belos filmes de Jean Renoir (**La Fille de l'Eau**, **Nana**, **Madame Bovary**, **Le Crime de Monsieur Lange**, **La Règle du Jeu**) e também pela de **La Petite Lise**, obra-prima de Jean Grémillon. Quanto ao realizador, André Hugon (1886-60), realizou cerca de noventa filmes entre 1913 e 1952 (entre os quais aquele que passa por ser o primeiro filme sonoro francês, **Les Trois Masques**, de 1929, além de uma versão sonora do mesmo romance que inspirou **Die Freudlosse Gasse**, de Pabst), por vezes com vedetas da canção, como Tino Rossi e Mistinguett, mas tanto ele quanto os seus filmes estão totalmente esquecidos, à espera de uma eventual reavaliação. O seu nome é um dos

mencionados no livro **Les Oubliés du Cinéma Français** do crítico e historiador Claude Beylie.

É interessante comparar o título comercial original francês do filme e o seu título espanhol. O primeiro evoca a fatalidade, o destino, quase um castigo divino, ao passo que o segundo, mais modesto, atém-se a uma crítica da classe política ou pelo menos de parte dela. Na verdade, apesar das conotações quase religiosas do título francês, ambos correspondem ao que se vê no filme, posto que o *chefe político* terá uma *resposta do destino* através da vingança do homem pouco recomendável a quem traíra. Note-se que, na moral da história, este último não fica realmente impune, a pastorear as suas ovelhas, pois o *chefe político* não morreu realmente pela sua mão, embora ele tivesse vindo matá-lo e estivesse a ponto de fazê-lo: quem o matou foi o *destino*, fazendo com que o malvado caísse bem em cima de um objeto pontiagudo. Salvo erro, trata-se do trigésimo-oitavo filme de André Hugon e é um exemplo entre mil de um objeto de boa fatura artesanal do período final do cinema mudo, sem nada de excepcional, mas também sem falhas ou imperfeições. Os elementos mais romanescos da trama narrativa – a aparição vingadora do Homem de Ferro, o facto deste seduzir imediata e involuntariamente a amante do político – são bem doseados, não levam a excessos risíveis. Não há no filme audácias de *mise en scène*, mas tão pouco há hesitações ou opções rotineiras e, por um pequeno milagre, não há desvios para mostrar “pitorescos” costumes camponeses espanhóis. Tão pouco há vedetas entre os atores, o que facilita o trabalho do realizador, que tem sentido das proporções e tudo flui com naturalidade, sem preciosismos. As cenas de conjunto, sejam elas elegantes festas ou revoltas de aldeões, são perfeitamente concatenadas, com algumas singelas mas eficazes ideias visuais, como na passagem em campo/contracampo e contrapicado/picado em que os dois políticos, emoldurados por uma janela, acenam para a multidão de correligionários que vem saudá-los, sem saber que a vitória eleitoral deles fora fraudulenta. A ação se situa em ambientes muito diferentes – uma aldeia nas Baleares e a alta-roda madrilena – o que resulta em cenários muito diferentes, assinados por um misterioso Juguleux, indicado no genérico apenas pelo apelido, como não era raro no cinema francês dos anos 20 e 30. Nas sequências em flashback sobre a epidemia que assolou a ilha, os cenários interiores são totalmente nus, sem nada nas paredes e sem nenhum móvel, o que reforça a impressão de pesadelo e dá aos enfermeiros, totalmente encapuzados e que se limitam a transportar os cadáveres que se amontoam, um aspecto inquietante de agentes da morte. Um dos melhores achados no domínio dos cenários é o da mansão onde vive o protagonista e onde ele instala a amante, da qual nunca vemos a fachada. Entra-se por um vasto vestíbulo com alto pé-direito, totalmente vazio, sem o menor móvel ou adereço, cortado em diagonal por uma íngreme escada com corrimão de ferro forjado e passa-se dali para um vasto, claro e elaborado salão, mobilado com elegância e a dose certa de extravagância cinematográfica. Outra bela solução visual, sobretudo numa cópia com tintagens com a que vamos ver, é a sequência do fogo posto na hidrelétrica, mostrada por dentro e por fora, com o homem em primeiro plano e o incêndio ao fundo. Independentemente das conotações políticas que este filme francês terá para um espectador espanhol, trata-se de um objeto cinematográfico sem ambição excessiva, mas muito bem concebido e realizado, uma das inúmeras pequenas descobertas que um cinéfilo faz ao longo do seu percurso.

Antonio Rodrigues